

AIBILI



AIBILI

um sonho transformado
em excelência na área
da Oftalmologia

É o Centro de Coordenação da Rede Europeia de Centros de Ensaios Clínicos em Oftalmologia, que inclui 78 centros europeus, e, desde 2010, um dos três C-Tracer apoiados pela Fundação Champalimaud para o desenvolvimento de investigação conjunta em torno de várias doenças associadas à visão. Sediada em Coimbra, há 18 anos, a AIBILI há muito que prestigia a cidade e o país como referência internacional na área da Oftalmologia, com um trabalho que tem repercussões na melhoria da visão das pessoas no mundo inteiro. A prová-lo está o facto de 80 por cento do seu volume de negócios vir do estrangeiro.

A Oftalmologia portuguesa, e muito particularmente a de Coimbra, é competitiva como qualquer Oftalmologia europeia, tanto na área privada, como na assistência hospitalar, como ainda ao nível da investigação e dos ensaios clínicos. Quem o garante é José da Cunha-Vaz, oftalmologista, uma das maiores referências europeias na área da Oftalmologia e responsável, desde 1994, pela Associação para a Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem (AIBILI), considerado um principais centros mundiais de investigação e ensaios clínicos ligados à visão, e, neste momento, coordenador de 78 outros centros europeus (de 16 países) ligados a esta área.

“Depois do maior centro, que é o de Londres, estamos ao nível do de Paris ou da Antuérpia, também eles de referência europeia e internacional”, adiantou o especialista, garantindo que a importância da AIBILI e de Coimbra nesta área é reconhecida a nível internacional. De tal maneira que, neste momento, a associação têm em mão 31 projetos de investigação na área da Oftalmologia, a sua maioria provenientes da indústria e de investigadores estrangeiros. “80 por cento do nosso volume de negócios é de internacionalização, vem do estrangeiro”, garantiu Cunha-Vaz.

Dos 31 projetos em desenvolvimento na AIBILI, em áreas como o segmento interior do olho, a degenerescência macular relacionada com a idade e a retinopatia diabética, 23 chegaram por mão da indústria farmacêutica, especialmente estrangeira. Os outros oito são da responsabilidade de investigadores individuais, nacionais e internacionais, que encontram na AIBILI todo apoio necessário, burocrático e prático, para poderem desenvolver a sua investigação.

“Não existia nada do género em Portugal, até mesmo a nível europeu, daí ter sido criada a Rede Europeia de Centros de Ensaio em Oftalmologia e de nós termos assumido o papel de coordenadores”, afirmou José da Cunha-Vaz, consciente da importância que esta liderança representa para o prestígio da AIBILI e de Coimbra nesta área. “O trabalho de investigação que temos é demonstrado pelas publicações nossas em revistas internacionais”, adiantou, mas também nos produtos que estão neste momento no mercado, na área



da Oftalmologia, e que foram desenvolvidos nesta instituição.

Um prestígio de tal maneira reconhecido que, desde 2010, a AIBILI é um dos três centros mundiais apoiados pela Fundação Champalimaud para o desenvolvimento de investigação na área da visão. A AIBILI é aliás, a seguir ao Instituto Prasad, na Índia, o segundo C-Tracer – Champalimaud Translational Centre for Eye Research, a ser apoiado por esta instituição que, posteriormente, já incluiu o Instituto de Oftalmologia e da Visão de S. Paulo, no Brasil.

C-Tracers com projetos conjuntos

“É um apoio de uma importância fundamental, pelos avanços que permite fazer e por possibilitar o trabalho em parceria entre alguns dos melhores institutos mundiais na área da Oftalmologia e da visão”, com resultados e repercussões para o mundo inteiro. A ideia é que as três instituições desenvolvam, em conjunto, projetos de investigação ▶▶



que promovam o tratamento de doenças ligadas à visão e, a verdade, é que, neste momento, já há dois projetos em curso.

“As duas áreas sobre as quais estamos mais debruçados neste momento é a da aplicação de células estaminais no tratamento de doenças da córnea, de transplantes de córnea, área onde a Índia é líder. A outra é a da preservação e rastreio, por fotografia, do olho para a retinopatia diabética e para as doenças degenerativas maculares”, explicou o responsável. Este último projeto está já em andamento desde o início do ano, envolve os três C-Tracer mundiais e Cunha-Vaz acredita que dentro de dois anos poderá já haver resultados práticos deste trabalho. No fundo, o objetivo é, através da teleoftalmologia, poder fazer um rastreio da retinopatia diabética e das doenças degenerativas maculares a muitos milhares de pessoas, selecionadas pelos três centros, e, ao mesmo tempo, poder prevenir o seu desenvolvimento, criando critérios de identificação dos seus diferentes níveis de progressão.

No caso de Portugal, para além da Região Centro, onde este trabalho já é desenvolvido com doentes, nomeadamente do Serviço de Oftalmologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra – Centro

Hospitalar e Universitário de Coimbra (HUC – CHUC), a AIBILI escolheu desenvolver este projeto também nos Açores, em parceria com o Serviço de Oftalmologia do Hospital de Ponta Delgada, e na Guiné-Bissau, contando com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia e do Grupo de Estudos da Retina. “A ideia é tentar abarcar o território português e também lusófono”, adiantou Cunha-Vaz. “Facilitar, com menos custos, o acesso aos doentes”, é a grande vantagem deste projeto, que tem previsto o recurso à teleoftalmologia, uma técnica “avançadíssima” na Índia, mas que também já tem grande expressão no Instituto de Oftalmologia e da Visão de S. Paulo, no Brasil, nomeadamente para estudo da população da Amazônia, que será uma das regiões estudadas no âmbito deste estudo. No que respeita à Índia, a sua participação é considerada “muito importante” por Cunha-Vaz.

AIBILI é líder mundial

“Primeiro, dada a dimensão do país, depois pelo trabalho que já têm nesta área e, depois, porque eles têm uma assistência muito em pirâmide, em que os hospitais centrais estão conectados entre si até às entidades rurais, o que permite que, nas

INSTALADA HÁ 18 ANOS EM COIMBRA

Investigação translacional é o futuro desejado

Corria o ano de 1994 quando, pela primeira vez, a AIBILI abriu portas em Coimbra para concretizar um sonho de José de Cunha-Vaz, a que se juntaram outros especialistas, nomeadamente oftalmologistas dos HUC-CHUC, de criar em Portugal, mais propriamente em Coimbra, um grande centro de “transferência de tecnologia, inovação e desenvolvimento na área da saúde, fazendo a sua passagem e ligação à indústria”.

O sonho nasceu com a entrada de Portugal na União Europeia, a AIBILI foi a única infraestrutura do país, na área da tecnologia, com financiamento do Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP) e acabou por se criada, a par com o Centro de Neurociências de Coimbra, do IBET, em Lisboa; do IBMC e do IPATIMUP, no Porto, no âmbito de um concurso internacional criado para financiar alguns institutos na área da saúde, com evidente excelência internacional.

“A ideia era ter um edifício que tivesse uma componente de transferência de tecnologia, o da AIBILI, um outro corpo que era financiado pelo Programa Ciência, o IBILI, e que os dois estivessem ligados a

outro edifício, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, ligado ao ensino, às cadeiras básicas, explicou Cunha-Vaz, adiantando que, embora o projeto tivesse sido “bem visto a nível nacional”, acabou por não se concretizar totalmente, uma vez que só muito recentemente, foram construídos os edifícios da Faculdade de Medicina e completado o ciclo.

De qualquer forma, depressa a AIBILI, uma instituição privada sem fins lucrativos, ganhou lugar de destaque na área da imagem, da oftalmologia e da investigação na área da visão e, neste momento, o grande projeto que falta completar é o da investigação de translação, que sempre foi o grande motivo do surgimento desta instituição. “É uma coisa premente e que há 18 anos tentamos implantar em Portugal, que é conseguirmos cumprir todo o processo, desde a parte do animal, até à experimentação, passando pelo ensino, pela aplicação para a indústria e pela chegada ao mercado”, continuou Cunha-Vaz, crente que o objetivo se concretizará.

A AIBILI, neste momento, dedica-se à investigação clínica para produção e publicação e produção de novos produtos na área clínica, mas especialmente na área da imagem, da análise da imagem, do ‘software’, sendo, por isso, parceira da Critical Software, através da Critical Health, com quem já desenvolveu alguns produtos que estão já no mercado.

pequenas localidades, seja possível fazer as fotografias e, depois, elas serem visionadas em todos os centros”, explicou.

A aplicação de células estaminais é, de acordo com o oftalmologista, “particularmente interessante em queimaduras da córnea e em traumatismos com cicatrizações prolongadas”, permitindo ter resultados “muito bons de recuperação de visão que, de outra maneira, mesmo com transplante da córnea, não se alcançariam”. Neste momento, este projeto envolve apenas a AIBILI e o Instituto Prasad e está a fazer-se apenas ao nível da troca de informação.

Quanto a objetivos, Cunha-Vaz garante que são diferentes. No caso das células estaminais, o >>



objetivo “é mais prático” e com resultados a serem apresentados “mais progressivamente”, adiantou. No caso do rastreio, é “caracterizar os doentes que precisam de ser tratados”, resumiu. “Os doentes diabéticos que têm uma retinopatia muito ligeira têm evoluções muito diferentes. Em 50 por cento dos doentes, a retinopatia não progredirá, enquanto que na restante metade haverá uma maior progressão. É importante identificar quais e acompanhá-los mais regularmente”, explicou, garantindo existirem “grandes vantagens” se for feita uma gestão das necessidades e se houver critérios de identificação dos diferentes níveis de progressão da doença.

A AIBILI lidera nesta área, uma vez que é responsável pelo desenvolvimento, em parceria com a Critical Health (da Critical Software), de um biomarcador preditivo da retinopatia diabética que permite perceber como progredem os olhos com esta doença. “O biomarcador está a ser comercializado e nós somos líderes mundiais nesta área”, garantiu Cunha-Vaz, apontando a classificação e a identificação da degenerescência macular relacionada com a idade como outra das áreas onde a associação está no topo de lista dos centros de referência nesta área.

Doentes seguros

A nível de parcerias e de ligações com outras instituições, a que a AIBILI tem com os HUC - CHUC, nomeadamente com o seu serviço de Oftalmologia, é a mais forte. “Todos os doentes vistos aqui são registados nos HUC - CHUC. Podemos dizer que esta é uma extensão do hospital”, afirmou o oftalmologista, explicando que os ensaios realizados na associação contam com a colaboração preferencial dos utentes daquele serviço.

“Aqui estão, essencialmente, os indivíduos que têm problemas de saúde, em diferentes fases”, afirmou, adiantando que são os médicos quem aconselham os doentes a participar em determinado ensaio, embora a decisão final lhes pertença.

“eticamente, tem de haver a garantia de que não há prejuízo nenhum para o doente, antes pelo contrário”, explicou Cunha-Vaz, garantindo que os doentes que participam neste tipo de ensaios clíni-



cos são, certamente, os que são mais bem acompanhados: “fazem todos os exames necessários, se houver quaisquer alterações têm prioridade e, portanto, sentem-se mais seguros”, afiançou.

De qualquer modo, como faz questão de garantir o responsável, a AIBILI, para além de comissão de ética, tem um certificado de qualidade ISO 9001:2008 e, portanto, dá “uma segurança muito grande ao doente de que é tratado da melhor forma possível, como se estivesse nos Estados Unidos da América, sem precisar de pagar viagem”, garantiu, em tom de brincadeira.

Tendo sido pensada e criada por um oftalmologista, com a ajuda de outros oftalmologistas, é natural a tendência para se desenvolver nesta área. No entanto, a AIBILI, que tem parcerias com o Centro de Neurociências de Coimbra, a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra ou o Infarmed, tem também já projetos desenvolvidos em áreas como a Cardiologia e a Neurologia. “Estamos abertos a que qualquer área possa utilizar os nossos meios”, esclareceu Cunha-Vaz, adiantando que, aliás, o IPO “está a considerar, cada vez mais, servir-se das nossas capacidades”. ■

NÚMEROS

Staff permanente:

8 investigadores
13 técnicos
4 coordenadores de estudos
5 administrativos

Colaboradores:

45 investigadores
7 técnicos
8 enfermeiros